

RUBEM BRAGA

SANTA

«ROSA, rosa de amor purpúrea e bela...» — assim, através de mais de vinte anos, saudei Santa Rosa; e sempre o outro verso, o fúnebre, se perdia em um abraço — «quem dentre os goivos te esfolhou da campa?». Mas nunca pensei.

A última vez que o vi foi na redação de «Manchete»; ele me passou o «espelho» de uma nova revista que eu devia dirigir e ele organizara. Estudamos as seções uma a uma, trocamos sugestões, combinamos coisas, e naturalmente marcamos um encontro. Não houve; nunca houve um encontro marcado que funcionasse entre nós dois; a gente se topava, não mais. A primeira vez que o topei — acho que por causa de Lúcio Rangel ou Otávio Tirso — foi numa tétrica pensão do Catete em que ele ocupava uma «vaga» em 1935. Era um jovem bancário que acabara de chegar do Recife, onde às vezes cantava no rádio, e que fizera uns desenhos para ilustrar «O Anjo», de Jorge de Lima.

Vendo os desenhos e mais umas coisas deles fiz uma profecia — ali estava o grande pintor do Brasil. Não estava: Santa nunca chegou a ser o grande pintor que ameaçava, e mesmo seu desenho haveria de ficar com não sei que de duro e seco. Não é que ele não prestasse atenção à arte; ele prestava atenção a tudo, era um boêmio meticuloso. Lembro-me como trabalhava com Portinari aprendendo técnicas.

Mas Santa se espalhava demais, era um apaixonado por música, por literatura, por estética, por teatro, principalmente pela vida, pelo amor. Ele sabia as coisas. Mas sentia demais as coisas, e às vezes não aguentava, ia arrastado pelo seu lirismo, sumia, parecia que tinha morrido: estava amando.

Uma vez, no auge de um drama que ele vivia, fui encontrá-lo alta madrugada por acaso no Lamas. Vira-o na véspera: estava com os sentimentos dilacerados entre duas mulheres, um amor antigo e outro novo, sofria intensamente. Agora estava ali com um ar fagueiro, ao lado de uma terceira mulher — uma jovem mulata de olhos verdes, alegre e terna, que ria de tudo que ele dizia. Perguntei-lhe depois se era uma terceira paixão. «Não, não, eu estava descansando». Era um guerreiro.

Ele ensinou muita coisa a muita gente; sabia ser franco sem deixar de ser macio; ajudava e guiava os outros. Foi morrer longe, na Índia, mas de um certo modo, estando ao lado de Roberto Assunção e de Simeão Leal, estava em seu Rio de sempre. Nesses dois amigos, que eram dos mais chegados a ele, nós todos os outros, dezenas, milhares, pensamos ao receber a notícia horrível. Estou aqui eu, numa casa de Ipanema, chorando sozinho ao escrever sobre Santa Rosa. De vez em quando telefona um amigo. E todos têm um tom indignado, como se falassem de uma traição. «E na Índia!».

Peio fato de ser na Índia, não. Santa morava sempre longe e vagamente, às vezes morava muito, às vezes quase não morava, e seu telefone devia ser em algum helicóptero. Agora subiu para o Céu, um Céu de Orfeu da Conceição. Visitará outros céus e infernos. E' bobagem marcar encontro, Santa, mas um dia a gente se topa, como sempre, em algum Café Lamas do astral; deve ter.